



cultura&informação  
**A REVISTA DO SABIN**

1º semestre de 2025 – ano 31 – nº 87



# Polinização cruzada de conhecimento

A diretora geral, Cristina Godoi, e a diretora pedagógica, Giselle Magnossão, conversam e compartilham reflexões sobre suas experiências na SXSW 2025

**GISELLE:** Em março de 2025, tive o prazer de representar o Colégio na visita à SXSW EDU, conferência sobre inovação na Educação que acontece há 15 anos em Austin, no Texas (EUA), parte do grande festival SXSW, com jornadas sobre tecnologia, futuro, arte e cinema.

**CRISTINA:** E eu fui para o festival geral com a perspectiva de expandir meu olhar, porque sinto que precisamos, de vez em quando, sair do universo da Educação para “furar a bolha” e entender o que está sendo produzido de conhecimento em diferentes áreas. Segui as trilhas de comportamento e criatividade. Vi que sempre há uma convergência com o que fazemos na escola: é tudo sobre a formação do ser humano.

**GISELLE:** Na EDU, segui as trilhas de “Liderança e Gestão”, “Inteligência Artificial” e “Ensino e Aprendizagem”. No mundo todo, as discussões são as mesmas: competências socioemocionais, IA e o impacto da tecnologia na Educação. Ouvimos bastante sobre diversidade, sustentabilidade, desafios do Ensino Médio e boas práticas de gestão. Conhecemos escolas com propostas mais disruptivas, o que nos provoca uma reflexão: a diferença, vantagens e desvantagens, da inovação incremental e da inovação disruptiva.

**CRISTINA:** O desafio é equilibrar o papel da escola - que deve transmitir conhecimento, hábitos e costumes construídos ao longo da história - com a necessidade de ousar. Quanto a escola pode testar e acompanhar a velocidade da evolução tecnológica sem abrir mão das práticas que já se provaram eficientes? Vi ferramentas bacanas de IA, mas também um alerta: os “nativos digitais” são, na verdade,

“refêns digitais”, e é função da escola ensiná-los a consumir tecnologia sendo protagonistas, e não refêns.

**GISELLE:** Era o que mais se ouvia: a escola deve ousar e experimentar, mas de maneira cautelosa, responsável e segura. Um cuidado urgente é com o desenvolvimento do pensamento crítico, porque a falta dele conduz à confiança exagerada no que a tecnologia produz e nos torna vulneráveis a erros e “alucinações” da máquina. Outro ponto de atenção é o potencial “aditivo” da IA, um “amigo imaginário” que pode conduzir à repetição do fenômeno que vivenciamos com as redes sociais. Entre educadores, é também consenso que tirar o celular da escola é a ação mais adequada no momento. Vi ainda um retorno ao rigor acadêmico, à valorização do aprofundamento e do trabalho acadêmico consistente. E falaram muito sobre a grande missão da escola: formação em valores, vida com propósito, e “agência” - *agency* -, que se refere ao protagonismo do aluno. A palestra “O que nos faz humanos” reforçou a importância de a escola construir humanidade em tempo de tanta força das tecnologias. Vi diferentes “atores” em trajetórias que já seguimos e com reflexões que já temos. Participar desse evento me permitiu estar em contato com a construção da comunidade escolar, com questões contemporâneas e com a ampliação de referências e repertório.

**CRISTINA:** É mais ou menos o que o Mike Bechtel, chefe de futurismo da *Deloitte Consulting*, trouxe na palestra dele: o conceito de “polinização cruzada de conhecimento”, a ideia de que a diversidade de fontes e conteúdos vai ser um novo diferencial. Ele diz que a riqueza das descobertas está em ouvir alguém de uma área diversa e aprender com essa experiência. É isso que nos permite inovar de verdade.



**Giselle Magnossão**  
Diretora pedagógica do Colégio Albert Sabin



Revista do Sabin, 1º semestre 2025 ano 31 - nº 87  
Aluno da capa:  
Eduardo Shimabukuro Peres - 3º ano B.

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin e da Escola AB Sabin.

**Colégio Albert Sabin**  
Av. Darcy Reis, 1.901,  
Prq. dos Príncipes, São Paulo/SP -  
(11) 3712.0713  
www.albertsabin.com.br

**Escola AB Sabin**  
Av. Martin Luther King,  
2.266/2.280, São Francisco,  
São Paulo/SP - (11) 3716.5666  
www.absabin.com.br

**Fundadores:**  
Gisvaldo de Godoi,  
Neusa A. Marques de Godoi

**Direção geral:**  
Cristina Godoi de Souza Lima  
**Direção pedagógica:**  
Giselle Magnossão (Albert Sabin),  
Sílvia Adrião (AB Sabin)

**Direção administrativa:**  
Fernando A. Mello

**Marketing:** Natália Giraldi  
**Colaboradores:** Áurea Bazzi,  
Denise Araújo, Dionéia Merin,  
Giselle Magnossão,  
Graziella Matarazzo,  
Sandra Lieven, Paulo Rogério  
Vieira, Sílvia Adrião, Suzy Vieira

**Jornalista responsável:**  
Juliana Bógus Saad  
(MTB 42.386/SP)

**Designer:** Giovanna Angerami  
**Fotografias:** Jesse Matos,  
Equipe Pedagógica

1º semestre 2025

4+5		<b>Conversa Paralela</b> Pedagoga explica o que é equidade racial na educação
6+7		<b>Educação Infantil</b> Todos os espaços do Sabin são preparados para acolher e educar
8+9+10		<b>Fundamental – Anos Iniciais</b> Rotinas de Pensamento: estratégias para tornar a aprendizagem visível
11+12		<b>Fundamental – Anos Finais</b> Saídas escolares e estudo do meio proporcionam aprendizado profundo
13+14		<b>Ensino Médio</b> Estudos avançados são oportunidades para alunos focarem e voarem alto
15+16		<b>Idiomas</b> Inglês forte desde o Infantil abre caminhos para a internacionalização
17+18+19		<b>Esportes&amp;Cultura</b> Timaço de atletas, artistas e especialistas ensinam nas quadras e nos palcos
20+21		<b>A Gente Quer Saber</b> Astrônomo Luís Marino conta curiosidades sobre o Universo
22+23		<b>Livre Expressão</b> O que é ser patriota nos dias de hoje?
24+25		<b>Tecnologia &amp; Inovação</b> Agora o Sabin tem um Fab Lab e faz parte da rede global de laboratórios
26		<b>Encantamento</b> Professor Luis, de Matemática e Tecnologia, tem projeto para ajudar periferias
27→32		<b>AB Sabin</b> Para os bem pequenos: desde 2024, a AB recebe turmas a partir do Infantil I

# É problema nosso!

Racismo, antirracismo, equidade racial na educação  
- caminhos para agir e transformar



Luciana Alves

**A** professora e pesquisadora Luciana Alves é pedagoga e mestre pela USP, autora do livro “Ser branco no corpo e para além dele”, e pró-reitora adjunta de assuntos estudantis na Unifesp. Sua pesquisa de doutorado na Unicamp analisa o processo de implementação da educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. No começo de 2025, ela falou aos professores do Sabin sobre diversidade e equidade racial na educação.

## O que é racismo estrutural?

Para entender o que é racismo estrutural, precisamos compreender como estão distribuídos os recursos e o acesso a direitos nas sociedades. Na brasileira, há uma “divisão” marcada pela raça: em comparação com pessoas negras, pessoas brancas têm mais acesso a direitos e a bens e serviços sociais. Isso se explica por uma questão histórica. Quando consideramos o contexto de escravização e de substituição de mão de obra escravizada por mão de obra livre, vemos que se criou essa desigualdade. Negros e brancos ocupavam a mesma sociedade com status diferentes: os negros não podiam nem gerir a própria vida, não eram considerados “gente”; eram “peças de trabalho” sem direito a remuneração. Quando, ao fim do período escravista, essas pessoas não têm acesso à escola, à saúde, a propriedades, e vão para a ordem capitalista competir com outros grupos, concorrem com brancos europeus, a maioria vinda do sul da Itália, também com baixa escolarização, mas com a brancura a seu favor. Negros são empurrados para regiões periféricas e precárias. Tudo isso cria o que chamamos de estrutura, o pano de fundo no qual se desenvolvem nossas vidas. E essa estrutura vai limitando oportunidades. Então, o racismo estrutural desiguala a “competição”. É um obstáculo interposto, por conta da história, à experiência das pessoas negras - o que dificulta muito mais a progredir e se desenvolver enquanto comunidade e indivíduos.

## O que é equidade racial na educação?

O direito à educação é um direito essencial básico. Ao distribuir esse direito de maneira igualitária, cria-se a premissa de

que todos têm acesso à educação. Mas o problema dessa perspectiva, da igualdade, é que ela considera que, se todos têm acesso, o que cada grupo consegue fazer e os resultados obtidos vêm, exclusivamente, a partir do esforço daquele grupo - desconsiderando, por exemplo, o racismo estrutural. A política educacional brasileira se baseou, durante anos, na ideia de que com vaga para todos estaria equacionado o problema. Mas o que vemos nos indicadores é que existir uma oferta educacional que contemple boa parte da população não significa que exista um aproveitamento igualitário dessa oferta. Os dados de evasão, reprovação e desempenho acadêmico estão todos em desfavor dos sujeitos negros. E esse desfavor não é inato, é histórico. Por isso, para que as pessoas que largam mais aquém na “competição” possam aproveitar as oportunidades em pé de igualdade, elas precisam de dispositivos que maximizem a força empregada; é preciso “dar mais” para quem tem menos. Então, quando falamos em equidade racial na educação, estamos, especialmente, olhando como os resultados acadêmicos de negros e brancos estão distribuídos: se estiver desigual, é preciso construir equidade racial, construir políticas de equidade. A equidade é uma perspectiva de justiça.

## Quais as principais estratégias para construir essa equidade?

Temos como base três: a partir das relações entre as pessoas, a partir das relações com os conteúdos e conhecimentos produzidos pelos diferentes povos, e a partir da construção de condições para que crianças negras aprendam a partir da experiência escolar. O respeito precisa

estar distribuído equanimemente nos espaços sociais, mas não é isso que se vê. Pesquisas apontam que uma criança negra na instituição escolar experimenta violências e, até, tratamento desigual. Então, a primeira dimensão é garantir que qualquer criança experimente respeito por ser quem é, podendo construir uma identidade positiva. A segunda camada é na relação com os saberes que foram acumulados ao longo da história: nossa escola tem base em saberes de origem europeia, mas isso precisa vir acompanhado de saberes de outros povos para que a criança negra, ou indígena, veja com orgulho o legado do seu grupo - e são muitos legados! Diferentes povos construíram diferentes conhecimentos e tudo isso contribuiu para o avanço da humanidade.

## Por que é importante falar sobre isso na escola?

A população negra sempre viu na escola uma chance de mudança do seu *status* socioeconômico. Há uma grande correlação entre bem-estar social e longevidade da trajetória escolar. Quanto mais longa a escolarização, melhores as chances na vida desse sujeito. Isso foi percebido já no período escravista, quando as primeiras escolas para crianças pretas foram criadas, no contexto onde isso ainda era proibido. Primeiro foi a luta pelo acesso, depois pela permanência e, agora, pela aprendizagem. A escola é importante para as relações étnico-raciais da perspectiva mais política, mas, também, porque é na escola que são gestadas as mudanças de mentalidade. É na escola, por exemplo, que uma criança que vive em um ambiente racista pode, convivendo com crianças negras, substituir sua mentalidade por uma lógica inclusiva. A escola é, de modo geral, a única instituição obrigatória, por onde todos devem passar, e

onde falamos de um projeto comum de sociedade. Por isso está na escola a mudança que vislumbramos: todos acreditarem que ser diferente não é um problema, não é ser menos, não é ser mais, é só um dado da nossa espécie - e não reverbera nem nas nossas capacidades intelectuais e morais, nem nas nossas características psicológicas. É só uma diferença física que muitos aprenderam a valorar negativamente, mas que, da mesma forma, podem aprender a valorar positivamente.

## O que a escola deve fazer?

Nós temos, desde 2003, um dispositivo legal que regulamenta o trabalho com relações étnico-raciais na escola. Então, o primeiro papel da escola é cumprir a legislação e fazer com que professores, famílias e crianças saibam que elas têm o direito de serem educadas para as relações étnico-raciais. Isso não se dá sem alguns embates. Segundo: trabalhar novos sentidos para a diversidade com as novas gerações. Isso implica furar a bolha. Há pouquíssimos alunos e funcionários negros nas escolas privadas. Se os negros compõem 56% da população brasileira, caso não houvesse desigualdades raciais, era de se esperar que essa porcentagem estivesse espelhada em qualquer lugar. Por que na escola privada a maioria é branca? Porque as desigualdades e o racismo estrutural minam a possibilidade de famílias negras alcançarem esse espaço. Por isso temos falado de cotas ou mensalidades diferenciadas. Pode haver políticas afirmativas na contratação de profissionais. É preciso pensar mecanismos que atraíam os diferentes. Quanto mais diversa a escola, maior a convivência com a diversidade. E não existe coisa melhor para a construção de novos horizontes e novos saberes sobre a diversidade, do que a convivência com ela.

## É possível instruir e sugerir ações para as famílias?

O que falta não é informação disponível, mas uma curadoria. E não vejo outra forma de circular entre informações com alguma segurança a não ser se expondo a situações formativas intencionalmente pensadas: cursos, palestras, rodas de leitura, materiais, discussões. A escola pode desenvolver ações que configurem um mapa para que as famílias possam navegar e ir se apropriando do vocabulário, das políticas existentes, das práticas culturais. Por que escolho ir ao MASP e, não, ao Museu Afro-Brasil? A experiência precisa ser ampliada para abarcar outras visões de mundo. Diversifiquem o que oferecem às suas crianças: por exemplo, aulas de capoeira e passeios que revisitam a história negra. É preciso descortinar a narrativa que foi silenciada sobre a presença negra no Brasil.

## O que significa dizer que não basta “não ser racista”, é preciso “ser antirracista”?

O Brasil é o país deste fenômeno: as pessoas declaram existir racismo, mas não se declaram racistas. Eu bato no peito e digo que não sou racista, mas isso não transparece nas minhas ações. Não são raros episódios de racismo explícito assistidos de forma passiva por pessoas que se autodeclararam não racistas. Mas ser antirracista é combater o racismo, é se posicionar diante dele: é ser a pessoa que aponta piadas mal colocadas no almoço de família, que defende ações afirmativas - como cotas -, que abre mão de certos privilégios. Abrir mão de um conforto por uma atitude antirracista é algo difícil, mas que devemos almejar alcançar, porque o racismo não é um problema das pessoas negras, é um problema nosso.

# Um universo

Todos os ambientes da escola são cuidadosamente preparados para receber as crianças da Educação Infantil; são espaços que encantam, educam, oferecem infinitas possibilidades

As paredes falam, o bosque sussurra, a biblioteca revela, a horta alimenta, o ateliê inspira, a piscina encanta, a sala abraça... É mais ou menos assim que o universo da escola recebe as crianças da Educação Infantil, convidando para aventuras, descobertas e aprendizado em todos os cantos. “Os espaços da escola são fundamentais quando falamos em educação de qualidade. A organização dos mobiliários, a diversidade de ambientes, os materiais disponíveis, tudo pensado para oferecer acolhimento e possibilidades”, define a coordenadora Sílvia Adrião. “São espaços criados para potencializar as experiências e para se modificar de acordo com os projetos e as vivências imersivas de cada turma. Há um diálogo constante entre a arquitetura e a pedagogia.” Com propostas diversas e roteiros de atividades, as professoras saem das salas de referência e levam as crianças para explorar e aprender “Sabin afora”. Sílvia destaca que a curadoria dos espaços e dos recursos materiais leva em consideração dois princípios: o da estética, para garantir beleza, encantamento, ambientes convidati-

vos e provocativos; e o da ética, com escolhas sustentáveis, que valorizem a coletividade. Constantemente, a equipe pensa e repensa essas escolhas.

A orientadora Andréa Silva lembra que o cuidado das professoras do Infantil extrapola a sala de referência e alcança os outros ambientes: “Nós vemos todos os espaços da escola como um laboratório potente para a Educação Infantil! E o olhar sensível de cada professora analisa, explora e pensa no que pode ser proposto ali para instigar as crianças a se relacionar com aquele lugar e aproveitar tudo que ele oferece”. No bosque, o contato com a natureza, a exploração de diferentes relevos e sensações; na brinquedoteca, o faz de conta, as fantasias, os cenários que simulam a vida para cada um ser o que quiser; na cozinha experimental, ingredientes, experimentos e transformações; no ateliê, criatividade! “Nós preparamos o ambiente da sala de artes para que a criança seja convidada a interagir com os elementos e materiais artísticos e extravasar o que está latente dentro dela”, explica a professora de Arte, Roberta Moretti.

“E o poder de imersão desse espaço é tão forte, que procuramos manter as crianças ‘em estado de ateliê’ em qualquer lugar - no parque, na horta, na sala de referência -, embaladas pelo prazer de investigar, descobrir, criar, fazer.”

## Porto seguro e paredes falantes

As salas de referência são espaços muito importantes de acolhimento diário, onde as crianças desenvolvem relações de identificação e sentimento de pertencimento; é o porto seguro para onde sempre retornam depois de se aventurar pela escola. “É o espaço delas, onde elas têm intimidade, onde tudo pertence a elas e é feito por elas”, observa a professora Carolina Magalhães, do Infantil 5. Os muitos elementos que marcam esse território - como calendários, imagens da rotina, recursos multimídia, armários acessíveis, estações de aprendizagem - são pensados para fazer dessa sala um lugar de autonomia, em que a criança consegue realizar quase tudo sozinha, só com a estrutura do ambiente, que tem até paredes falantes! “Os trabalhos da turma compõem fisicamente o espaço. Nós fazemos exposições e, então, as paredes da sala vão contando a história dos projetos, mostrando as etapas do processo de aprendizagem; são paredes que co-

municam”, revela Carolina. “E há tanto além das salas pelo Colégio: a biblioteca incrível e adequada para os pequenos, a sala de espelhos para eles se reconhecerem, a varanda onde podem ouvir os sons da escola, muita natureza ao redor, e um surpreendente aquário de água salgada onde eles podem ver, por exemplo, um ouriço do mar!”

A professora Daniela Nakayama, de educação física - corpo e gesto, estimula o movimento e a criatividade nos ambientes do esporte; as quadras, o tatame, as bolas e os aparelhos podem se transformar em qualquer coisa: “Fica tudo disponível para as crianças brincarem. Uma vez, o disco de equilíbrio virou disco voador, e criaram uma história fantástica. O espaço da ginástica era o espaço sideral”, lembra Daniela. “E tem a piscina, que é muito especial para os pequenos: quando eles conseguem mergulhar e abrir os olhos embaixo d’água, o espaço é outro mundo, o mundo submerso.”

Todos os espaços comunicam: o vazio convida ao movimento livre; o cheio desafia os corpos e oferece experiências; o da natureza propõe desníveis, texturas, expedições; o repetido aprofunda a investigação; o transformado é surpresa, encantamento e curiosidade. No Sabin, todos os lugares acolhem e educam. Crianças, mergulhem!



# Escuta o que eu penso, olha o que eu aprendo

Professores e alunos estão experimentando – ou redescobrimdo – rotinas, as Rotinas de Pensamento: estratégias para tornar a aprendizagem cada vez mais visível para todos

No 1º ano, a professora contou a história “Maria vai com as outras...”, mas não revelou o final; deu uma folha em branco para as crianças desenharem e escreverem o final que desejassem. A turma do 3º ano exercitou a sequência “Duvido/Exploro/Concluo” para pensar em como enxergar um objeto que está atrás de uma caixa. O 4º ano analisou tipos de agricultura usando “Vejo/Penso/Pergunto”. Essas atividades são exemplos do uso das Rotinas de Pensamento - um recurso da abordagem Aprendizagem Visível - que tem sido utilizada em sala com mais profundidade desde o início de 2025. Rotinas de Pensamento são estruturas para questionar, escutar e documentar o pensamento de professores e estudantes; são práticas para tornar o pensamento autorreflexivo e visível. Essa concepção é explorada e incentivada pelo Projeto Zero, fundado há 50 anos na *Harvard Graduate School of Education* (Escola de Pós-graduação da Universidade de Harvard), e hoje um grande centro de experimentação e inovação pedagógica com pesquisa baseada em salas de aula.

“Muitas dessas estratégias nós já usávamos, mas não com a intencionalidade e o percurso da rotina trazido pela

educadora Julia Andrade na formação que fizemos com ela no fim de 2024”, explica a coordenadora Dionéia Menin. Os professores estão pondo em prática nas aulas tudo que experimentaram na formação, e fica claro que o aprofundamento nessa metodologia faz muito sentido atualmente. “Temos visto que trabalhar com a intenção das Rotinas de Pensamento tem força, pois torna a aprendizagem realmente visível em todos os lugares!” Por exemplo, nos painéis que expõem atividades de aula pelos corredores e permitem ver e entender a lógica que as crianças usaram para aprender determinado assunto. Com tudo mais visível, os autores ganham consciência sobre o que aprenderam e outros estudantes são instigados a pensar a respeito. “As turmas podem ver e discutir o que os colegas estão estudando é um ganho enorme para o dia a dia da escola e para a comunidade; gera uma provocação aqui, uma curiosidade ali, uma investigação nova e mais aprendizagem”, reflete Dionéia. A mostra de trabalhos é uma prática antiga, mas essa abordagem despertou uma nova forma de pensar a exposição: mais do que apenas mostrar o que foi feito, as imagens produzidas devem conversar com o observador, questionar o observador. O pensamento das crianças é exposto para

“cutucar” quem vê, chamando para pensar junto e conversar sobre o que está sendo ensinado e aprendido no Colégio todo.

## Experimentando rotinas, visualizando aprendizados

A professora Adriana Alonso, assessora de Matemática, fez com os alunos do 2º ano um mural de fotos deles “com a cabeça aberta” e, saindo lá de dentro, desenhos representando seus conhecimentos. “Na formação, ouvimos que ‘as paredes contam histórias e falam o que os alunos estão aprendendo’. O curso resgatou isso que nós já fazíamos, mas trouxe a consciência de valorizar novos pontos. Por exemplo: ao tornar visível tudo que os alunos pensam, não tem errado e não tem certo, portanto cada um vai ‘construindo’ seu aprendizado e manifestando sem medo o que é mais significativo. Isso ajuda o professor a entender melhor o aluno”, acredita Adriana. Como ela, todos os assessores têm observado coisas interessantes nas atividades de Aprendizagem Visível com as Rotinas de Pensamento.

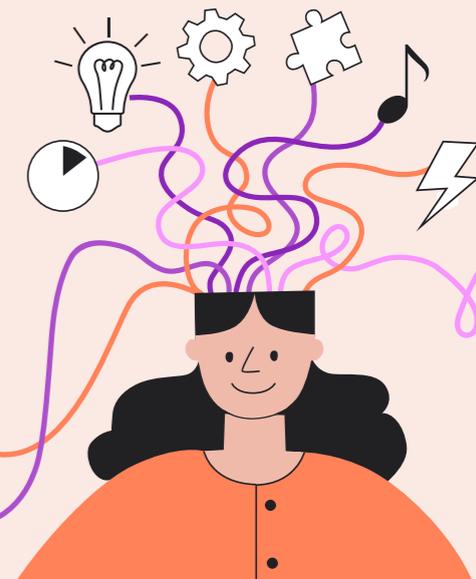
Em ciências, a assessora Fernanda Nalin vê as rotinas gerando mais engajamento: “Os alunos aprendem a ter outro olhar sobre os experimentos. Quando são provocados a pensar sobre a rotina para executar uma experiência, cada passo recebe mais atenção: pensar, criar hipóteses, colocar a mão na massa para testar as hipóteses e, por fim, fazer a descoberta. Com os roteiros de aula que a metodologia propõe, o pensamento e o aprendizado acontecem com menos direcionamento do professor

e mais ação dos alunos. Também melhora muito a escuta e os debates entre eles”. Nas aulas de Geografia do 4º ano, a assessora Luciana Vidal destaca o trabalho com a rotina de organização em mapas mentais: “Montamos um esquema juntos na lousa e, depois, cada aluno monta o seu mapa no caderno. O esquema traz suas representações sobre o tema - as diretas, as indiretas e as imaginárias. Isso organiza um resumo visual para que o aluno lembre tudo que aprendeu na aula”. Essa documentação pedagógica torna visível a aprendizagem continuamente, como descreve Andréa Silva, orientadora do Infantil e assessora de Psicometricidade: “Começa com os pequenos a sementinha da investigação, da escuta, do olhar atento, de levantar hipóteses e não haver uma verdade absoluta, de pensar, mostrar o que já sabe, conhecer mais, ver o que aprendeu... E essa documentação vai sendo revisitada e continuada durante os anos, até chegarmos no estudante e no cidadão que trabalhamos para formar.”

Nas artes, as crianças são convidadas a fazer leituras de imagens, mas precisam de estímulos ou guias para acessar melhor seu repertório de conhecimentos e conseguir se expressar: “Trabalhar com as perguntas das Rotinas de Pensamento é uma chave para tornar visível o que as crianças têm de repertório. E é importante mostrar que esse repertório é bem-vindo na sala de aula e colabora com o aprendizado de todos”, considera Roberta Moretti, assessora de Arte. A orientadora pedagógica dos anos finais, Lucia Helena, complementa: “A rotina de pensar ajuda a criar uma imagem mental que, depois, pode ser

“Quando a criança traz nas palavras dela o que ela está aprendendo, é possível ir provocando a ampliação desse conhecimento e trabalhando para a metacognição. As Rotinas de Pensamento têm relação com as funções executivas, quando você faz a criança trabalhar autorregulação, quando mostra que ela precisa de coerência e raciocínio sobre o que está sendo trabalhado, quando ela fala: ‘O que eu sei, o que eu aprendi, o que eu entendi’. E as funções executivas - saber organizar, planejar, pensar, dar o próximo passo - são a base de tudo.”

Dionéia Menin,  
coordenadora do EFAl



explicitada para os outros de forma sistematizada e organizada. Através disso, os alunos conseguem decidir melhor o que propor ou questionar, pois têm a visualização de onde estão no processo de aprendizagem, e onde querem chegar”. A mesma coisa vale para as palavras e a construção de textos, como descreve Karla Ramos, assessora de Língua Portuguesa: “Essa forma de trabalho - a organização do pensamento, a rotina que tem um passo a passo, uma explicação inicial, um trabalho em grupo até chegar na produção individual -, confere aos alunos mais tranquilidade ao escrever. Eles preparam previamente o que vão dizer no texto e esse processo desmistifica a falsa ideia de que o português é difícil. Existem inúmeras nuances nessa língua maravilhosa que é a nossa, mas ela é complexa, não difícil. Então essa forma de trabalho ajuda o aluno a entender a complexidade da língua e se preparar melhor para começar a produzir um texto”. Com a intensificação desse processo de tornar a aprendizagem visível no curso regular, o integral também se envolve. “Porque a escola está toda conectada em relação às formações, inovações e abordagens pedagógicas”, finaliza Marion Celli, assessora de Inglês e do Integral Bilíngue.

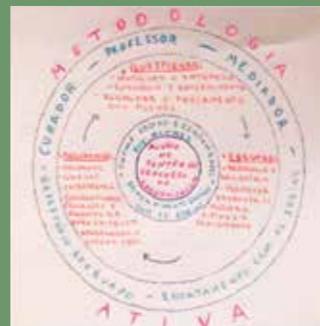
“No *Project Zero*, de Harvard, a base da pesquisa que fomenta a estrutura das Rotinas de Pensamento é o ‘cultural thinking’, a ‘cultura de pensamento’ - que amplia o alcance desse movimento para a comunidade. As famílias devem fazer parte dessa cultura, aprendendo com os estudantes a gastar mais tempo com o pensar - em vez do imediatismo e das respostas prontas que dominam a sociedade atual. Essa parada para a valorização do pensamento é uma necessidade global de desacelerar tudo, inclusive a velocidade da fala. Investir mais tempo no pensar é um exercício mesmo, mental, que ajuda a perceber que ninguém é vazio de repertório e de criatividade, só precisa ter calma para acessar o pensamento.”

Graziella Matarazzo, assessora de Tecnologia Educacional

## APRENDIZAGEM VISÍVEL

“Como tornar a aprendizagem o centro do processo pedagógico de ensino e trazer suas evidências ao primeiro plano? Como monitorar e avaliar o que e como os estudantes estão aprendendo? Como tornar os pensamentos dos estudantes mais visíveis e evidentes desde o início de uma investigação? - Engajando em práticas pedagógicas reconhecidas pela literatura e baseadas em evidências potentes: o uso de **metodologias ativas** de ensino e aprendizagem que favoreçam a elaboração e a construção coletiva de conhecimentos que produzem coerência entre **visão pedagógica do currículo contemporâneo** e **rotinas de documentação e avaliação**. As metodologias ativas são entendidas como práticas pedagógicas alternativas ao ensino tradicional. Em vez do ensino baseado na transmissão de informações, na metodologia ativa o aluno assume uma postura mais participativa; o foco do processo de ensino e de aprendizagem está no aprendiz, na aprendizagem por descoberta, investigação ou resolução de problemas. Nesse sentido, a perspectiva da Aprendizagem Visível vem intensificar os processos do aprendiz de pensar coletivamente, reconhecer seu próprio pensamento, ganhar autonomia e motivação, autoconhecimento e metacognição - capacidade de pensar sobre seu próprio pensamento.”

Julia Pinheiro Andrade (@ativaedu), no livro *Aprendizagens visíveis: experiências teórico-práticas em sala de aula*



## Fora da sala, dentro do mundo

Os estudos do meio e os cadernos de campo são experiências riquíssimas onde os estudantes vão além da teoria e vivem o conhecimento aplicado na vida

“Olhar para o centro de São Paulo a partir de uma nova lente, divertir-se em Brotas refletindo sobre questões ambientais, pensar a importância dos laços de coletividade em São Luiz do Paraitinga com a reconstrução de seus patrimônios - são experiências que deixam lembranças e aprimoram estratégias de investigação em nossos alunos”, comenta a professora Roberta Mouta, assessora de Geografia, citando algumas das saídas pedagógicas realizadas com as turmas. O Sabin investe intensamente nas saídas como momento crucial do projeto de cada série. Segundo a assessora, “a coleta em campo” é um procedimento fundamental do letramento científico, e “os cadernos de campo” são construídos para auxiliar o estudante a colher elementos que darão subsídio ao desenvolvimento do projeto. “Ao longo do percurso no EFAF, o estudante é convidado a desenvolver recursos de análise da paisagem, escuta dos grupos sociais que se relacionam com aquelas espacialidades, coleta de material, registros variados no caderno - como desenhos, croquis, fotografias, áudios, entrevistas - para, posteriormente, elaborar respostas às investigações propostas pela equipe de professores”, descreve Roberta.

A coordenadora Sandra Lieven define as saídas escolares como experiências que proporcionam um aprendizado profundo e significativo, permitindo que a teoria ganhe vida diante dos olhos dos estudantes. “Nada melhor do que aprender vivenciando! As diferentes propostas de es-

tudo do meio nas diversas séries relacionam os temas dos projetos, integram as disciplinas, ampliam os conhecimentos e transformam a maneira de aprender”, observa Sandra. “O objetivo é experimentar o conhecimento fora dos muros da nossa escola.”

### Meios

No estudo do meio no centro de São Paulo, por exemplo, os alunos do 6º ano aprendem sobre urbanização e conhecem melhor a expansão da capital paulista caminhando pelas ruas do entorno e explorando prédios emblemáticos como o Pátio do Colégio e o Farol Santander - com seu mirante 360º sobre a metrópole. Na cidade interiorana de Brotas, a turma do 7º ano estuda o meio se hospedando em um acampamento sustentável, conhecendo uma propriedade rural com administração familiar, plantação orgânica, bioconstrução e rede própria de tratamento do esgoto a partir de técnicas ecológicas, e descobrindo como o Parque Campana propõe a arte na natureza e a restauração do meio ambiente. Na pequena cidade de São Luiz do Paraitinga, no Vale do Paraíba, o 8º ano estuda a importância do patrimônio material, imaterial e natural da comunidade, visitando construções dos séculos XVII, XVIII e XIX tombadas pelo patrimônio arquitetônico brasileiro e investigando *in loco* as diversas manifestações culturais da cidade, como o Carnaval de Marchinhas, a Festa do Divino e o Arraiá do Chi Pul Pul. Os estudantes têm con-



tato com a população, escutam as histórias de reconstrução depois da grave enchente que destruiu muita coisa em 2010, e experimentam a cultura nas ruas e nas oficinas dos artistas locais. O 9º ano foca no estudo da cidadania e em projetos para melhorias da comunidade.

“Cada aluno tem a sua experiência e capta a realidade pesquisada de modo único, por meio da exploração de uma situação específica, um sentimento diante de um desafio, uma sensação ou uma descoberta relacionada ao conhecimento e ao autoconhecimento. Por isso, a experiência em campo é singular”, declara a professora de Geografia Simone Marassi Prado. “Os estudantes vivenciam suas experiências e registram suas descobertas no caderno de campo, que é elaborado pelos professores e tem como fundamento a interdisciplinaridade. A realidade a ser explorada é a mesma, as habilidades a serem desenvolvidas são necessárias a todos os componentes curriculares - como observar, identificar, descrever, comparar, explicar, planejar, criar hipóteses. E essas habilidades são desenvolvidas mediante o contorno específico de cada disciplina proposta, por atividades em campo ou por trabalhos no pós-campo”, completa Simone.

### Processo: antes e depois de sair a campo

“Os trabalhos começam em sala de aula com a apresentação do tema para os alunos - com a leitura de um texto, por exemplo”, aponta o professor de Geografia do 8º ano, Roberto Antonio Caner. “Então, os professores delimitam o tema por disciplina e organizam o caderno de campo,

elaborando um levantamento de dados e informações.” O objetivo principal é conduzir os alunos a vivenciarem o campo com observação, contato com os arredores e com os “atores” que influenciam aquele ambiente. Por fim, a vivência também ocorre no dia a dia do estudo, com alunos e professores trocando, debatendo e estabelecendo novas relações com o meio explorado. “O trabalho de campo possibilita que os estudantes relacionem os saberes adquiridos em sala de aula com o mundo extraclasse e, para garantir o sucesso das atividades, a preparação pré-campo é fundamental”, destaca a professora de artes Isabella Chiavassa. “Principalmente na elaboração do caderno de campo, esse instrumento pedagógico que auxilia no processo de aprendizado ao unir revisão de conteúdo e propostas práticas. Nele, os alunos encontram instruções detalhadas para a realização das atividades, permitindo que apliquem os conceitos aprendidos anteriormente.” Entre as tarefas propostas na disciplina de artes para um estudo do meio, pode-se utilizar várias práticas artísticas: a fotografia, por exemplo, com o desafio de captar detalhes que normalmente passam despercebidos - texturas, formas, superfícies; ou desenho e pintura, aplicando conceitos de teoria das cores ao reproduzir a paisagem local usando combinações do círculo cromático. “Após o estudo do meio, a exposição dos trabalhos produzidos se torna uma etapa essencial do processo de aprendizagem, valorizando a apreciação do fazer artístico, permitindo que os alunos reflitam sobre suas produções e que compartilhem experiências com a comunidade escolar”, conclui Isabella.



“O trabalho de campo promove a pesquisa em tempo real, por isso os cadernos de campo voltam com registros que denunciam as experiências vividas, como anotações apressadas, rasuras, manchas de barro, marcas de água, folhas amassadas, sentimentos escritos, insights, ideias, desenhos, enfim, tudo que o aluno, em sua expressão particular, queira registrar pelo momento vivido em campo - sendo esses registros relacionados ao conhecimento científico adquirido, aos sentimentos vividos, às descobertas realizadas e às relações interpessoais estabelecidas. Por isso, o trabalho de campo é a pesquisa e a vida acontecendo.”

Simone Marassi Prado, professora de Geografia

## Voando alto

A variedade dos programas de estudos avançados – com foco no desenvolvimento acadêmico – oferece aos estudantes do Sabin oportunidades de se aprofundar para voar altíssimo

Os estudos avançados oferecidos pelo Colégio são parte da personalização do currículo do Ensino Médio, com oportunidades extracurriculares para alunos que desejam investir em áreas específicas e voar alto! As conquistas comprovam o sucesso: estudantes premiados em Olimpíadas Acadêmicas e concursos pelo mundo, aprovados nas melhores universidades nacionais e internacionais, e com altíssimo desempenho nas disciplinas escolhidas para aprofundamento. Diversos estilos e perfis têm a chance de desenvolver, além da formação básica, jornadas extraordinárias. “Nesses estudos, temos diferentes propósitos distribuídos entre alguns programas: Módulos, Olimpíadas, APs e Eletivas Avançadas”, resume Áurea Bazzi, coordenadora do Ensino Médio.

“A ideia do Colégio é oferecer recursos de aprofundamento para vários tipos de alunos, e de forma gradativa”, aponta Jackson Padilha, assessor de Física. “As Olimpíadas são uma etapa mais avançada; temos alunos dos anos finais do Fundamental que já terminaram o conteúdo do Médio - dois deles estão entre os quatro que levei para o Torneio Brasileiro de Física, em João Pessoa (PB), no início de 2025 - competição para os 100 melhores alunos em física do Brasil!” Na 3ª série, as Eletivas Avançadas dessa disciplina focam na 2ª fase do vestibular, com exercícios muito mais desafiadores do que no curso regular. A coordenadora Áurea lembra que esses programas são possibilidades para alunos com foco em atividades acadêmicas e com preparo para esse tipo de estudo. Mas o Sabin oferece alternativas para todos - reforço, aperfeiçoamento, treino em níveis anteriores, extracurriculares em esportes, artes, tecnologia e nas diversas áreas da escola. “Nosso propósito é viabilizar

oportunidades para que cada aluno evolua conforme as suas possibilidades”, atenta Áurea.

### Avançados

**Módulos de Aprofundamento** são aulas que aprofundam os conceitos das disciplinas de Biologia, Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática e Química, oferecidas no contraturno a alunos de 1ª e 2ª série do EM - por critérios de desempenho. “Nos Módulos, trabalhamos listas de exercícios inéditos para que os alunos treinem muito e desenvolvam a habilidade de manter a calma diante de qualquer exame ou conteúdo novo. Em alguns momentos, ficam reflexivos enquanto treinam, e vão adquirindo ‘jogo de cintura’ e segurança para evitar o nervosismo; em outros, trabalham em duplas, se ajudando”, comenta Cláudia Tuoni, assessora de Química. Os **Módulos preparatórios para as Olimpíadas Acadêmicas** - de Física, Matemática e Química - contemplam alunos do EFAF e das primeiras séries do EM. As **Eletivas Avançadas** são oferecidas exclusivamente aos alunos da 3ª série, duas tardes por semana, aprofundando conteúdos específicos e preparando para os principais vestibulares do país.

Os **Advanced Placement (AP) Courses** são disciplinas ministradas em inglês; no Sabin, há APs de Matemática e Química - AP Cal-

“Há dois aspectos no Módulo, muito positivos: um é o aprendizado técnico e o outro é o acolhimento. Ganhei um preparo importante, me sinto segura com o Ensino Médio e com a preparação para os vestibulares. No Módulo, fiz alguns dos meus amigos mais antigos, e tive discussões mais aprofundadas com os professores.”

Clara Cardoso Reis,  
3ª D - Módulo

“O Módulo é uma ampliação do que eu estudo em sala de aula. É um estudo a mais. Nele, faço mais exercícios e me sinto preparado para os vestibulares - também pela ajuda dos professores.”

Lucas Coelho H. Lima,  
2ª C - Módulo



“Tratando questões que extrapolam a sala de aula, o Módulo me deu muito repertório. Adquiri uma bagagem grande para resolver exercícios, além do que aprendemos em sala.”

**Leonardo Carneiro B. de Carvalho**, 3º D - Módulo

“O AP me deu uma noção do que é uma matéria de faculdade; ampliou meus horizontes para fora da escola. Me ajudou também a ser mais certo da minha escolha, principalmente por entender Cálculo previamente.”

**Lucas Machado G. Tomimura**, 3º D - APs



“Nas Olimpíadas, pude adiantar muitos dos conteúdos do Ensino Médio e isso me deixou bem tranquilo até aqui. Conheci muita gente nas Olimpíadas e aprofundei meu contato com os professores.”

**João Pedro S. M. de Almeida**, 3º B - Olimpíada Acadêmica

“Foi uma experiência muito boa! Participar de uma competição de redação tão importante exige muita pesquisa para fazer o texto; essa pesquisa contribui com o enriquecimento de repertório e também das habilidades em inglês. Os professores de inglês também ajudam bastante. Ter assistido a professores de Oxford, Princeton e Harvard foi o mais legal do evento.”

**Natália Geudjenian Arantes**, 3º E - John Locke Institute's Global Essay Prize



culus e AP Chemistry. Ao final do curso, o aluno pode fazer uma prova de certificação cujos resultados têm relevância internacional e geram créditos para a universidade. “Quem se candidata para fazer faculdade fora do país e tem um certificado de AP no portfólio está muitos passos à frente. Quando o candidato tem uma AP em área pertinente à carreira escolhida, ele sobe no ranking. Universidades estrangeiras importantes aceitam como ingresso automático jovens que tenham três certificados de AP relacionados à sua área de interesse”, informa Simone Magalhães, assessora de Inglês. “Mesmo se o aluno não vai estudar fora, é extremamente relevante ter essa certificação; a experiência que se ganha ao atravessar uma disciplina com o nível de profundidade e dificuldade de uma AP é um diferencial enorme em qualquer vestibular.” Cursar APs também representa uma vantagem no início da faculdade, conforme observa Michele Viana Debus de França, assessora de Matemática: “O conteúdo do AP abrange conteúdos do Ensino Superior, por isso, o estudante chega na universidade já conhecendo e dominando alguns conhecimentos que ainda vai estudar”. Todo o investimento que a escola faz no desempenho dos alunos com os estudos avançados permite a eles, como lembra Simone, “obter sucesso em instâncias que vão muito além da vida acadêmica”.

### Múltiplos olhares para múltiplos desejos

Denise Masson, assessora de Português, destaca que uma das principais funções das Eletivas Avançadas é aprofundar questões de interesse específico dos alunos - como, por exemplo, as listas obrigatórias de leitura da Unicamp e de outras universidades. “Quando vamos para uma Eletiva específica de literatura, conseguimos pegar uma obra de interesse de um grupo e destrinchá-la”, pondera Denise. “É um espaço importantíssimo para trabalhar com o estudante nessa reta final do Ensino Médio, porque é onde podemos oferecer ‘cursos *tailor-made*’, sob medida para o foco de carreira de cada grupo. Somos uma escola com múltiplos olhares para múltiplos desejos.” Nas ciências humanas, igualmente, o programa serve para falar mais e expandir alguns temas: “Se trabalhamos em aula aspectos essenciais, na Eletiva é possível extrapolar e investigar a cultura, outros eixos, outros grupos sociais”, diz Renata Barbosa, assessora de História. Roberta Mouta, de Geografia, complementa: “As Eletivas têm nos mostrado, também, um sentimento de construção de identidade de grupo: em vez de focar na competição individual, os estudantes combinam de compartilhar conteúdos e listas com colegas que escolheram outras disciplinas. Esse amadurecimento de saber escolher e saber se auxiliar é mais um ganho desse programa”.

## Aprendendo em inglês



Com aulas de inglês desde o Infantil e a opção do Integral Bilingue, os alunos chegam aos anos finais do EF aptos a experimentar muitas oportunidades de internacionalização

“Saber inglês é importante, mas conseguir participar de um curso de empreendedorismo com aulas em Harvard e no MIT, por exemplo, é outro movimento!”, avalia Simone Magalhães, assessora de Inglês e responsável pela internacionalização no Sabin. “Na internacionalização, estamos falando de estudantes do Ensino Médio aprendendo disciplinas com o inglês como língua de instrução, e expandindo o repertório! Porque o inglês como disciplina o aluno já aprendeu: em escolas como o Sabin, as crianças entram no 6º ano do Fundamental ‘dando conta do inglês’ *one way or another*, e prontas para usá-lo como instrumento de aprendizagem e de trabalho.” O Colégio segue investindo e ampliando a oferta de oportunidades de internacionalização; atualmente, esse pacote inclui programas bilíngues, intercâmbios culturais, certificações internacionais e *Advan-*

*ced Placement (AP) Courses* - disciplinas em inglês com professores estrangeiros.

### Beyond English

No Sabin, as crianças têm aulas de inglês desde a Educação Infantil e passam por diversos momentos de experimentação e de sistematização, até chegarem com o inglês “aprendido” ao final do 5º ano do EFAl. “Trabalhamos para que o inglês oferecido aos pequenos seja uma base sólida do idioma. Este ano, substituímos o livro didático do Infantil por livros de leitura, com literatura autêntica, para que as professoras possam desenvolver projetos nas aulas de inglês regulares. Quanto mais nova a criança, mais espaço nós temos para investigações e projetos. Conforme elas vão crescendo, vai sendo possível inserir a sistematização”.

explica Marion Celli, assessora de Inglês do Integral Bilingue e EFAI. A aula de inglês era mais estruturalista no passado; hoje, é o contrário: valoriza-se mais a situação comunicativa e, da situação, vem a língua. Fazendo associações linguísticas, as crianças caminham. O livro é só uma ferramenta, não é mais o protagonista; é um apoio para ser usado nas aulas. E as aulas são flexíveis e interessantes para que as crianças façam descobertas da língua por meio do conteúdo. A partir do 2º ano, há também o *Keep Speaking* - uma imersão semanal no inglês com foco na oralidade - com teatro, música, brincadeiras e jogos. “Nas aulas do nosso curso regular, as crianças já estão sendo preparadas para a internacionalização. A opção do Integral Bilingue é para quem tem mais tempo e quer, além das aulas, experimentar desde cedo a vivência do inglês”, resume a assessora.

A primeira turma do Integral Bilingue - que teve início em 2022, no período da manhã - terminou o 5º ano em 2024, e o Departamento de Inglês observou resultados muito potentes. Graças ao sucesso, em 2025 o Sabin ampliou a oferta para as turmas da tarde e criou, também, opções de semi-integral. A proposta do Integral Bilingue é diferente da do curso regular, mas os dois trajetos possibilitam que o estudante chegue ao Ensino Médio preparado para participar dos programas disponíveis - como um intercâmbio

para conhecer a base de monitoramento de um satélite, com instruções em inglês sobre engenharia espacial; ou um curso *Advanced Placement (AP)* com uma professora indiana e um professor sul-africano. Esse estudante, tendo atingido o nível esperado de inglês no Fundamental, pode optar, ainda, por se tornar trilingue por meio das aulas de espanhol no Médio.

“Nossas escolhas no Sabin têm sido pautadas por um enriquecimento real e concreto do portfólio acadêmico do estudante”, define a professora Simone. Para que, quando termine o colégio, esse estudante não saia somente com o histórico escolar e o certificado de conclusão, mas com muito mais, munido para diversas realizações. E isso realmente acontece, como observa Simone: ex-alunos do Sabin são sempre os que se candidatam a serem presidentes da Atlética da faculdade, a fazerem parte da empresa júnior, a irem para fora do país pela universidade, a desenvolverem e apresentarem projetos de iniciação científica. “Nosso aluno sai da escola com o inglês - e, se quiser, com o espanhol também - como facilitador da vida que vem pela frente. O aluno sai preparado para transitar tanto no âmbito educacional como no profissional: pronto para fazer faculdade, mestrado e doutorado em outro idioma, e para trabalhar e empreender em qualquer lugar do mundo com confiança e tranquilidade”, assegura a coordenadora Denise Araújo.

## TRILINGUISMO, COM O ESPANHOL

O ensino da língua espanhola começa com as aulas da matriz curricular no 6º ano do Ensino Fundamental. No 9º ano, o Colégio oferece um preparo especial para o exame DELE (*Diploma de Español como Lengua Extranjera*), certificado reconhecido internacionalmente. Durante o Ensino Médio, os alunos interessados podem seguir com as aulas de espanhol no Itinerário Formativo. Por fim, na 3ª série do Médio, caso atinja o nível CI no inglês, poderá optar por migrar para o Espanhol nas aulas de Língua Estrangeira da matriz curricular, com aprimoramento e continuidade no processo de certificação.

*“O espanhol, além de estar na matriz curricular, agora está também no itinerário formativo do Ensino Médio, possibilitando que o aluno, depois do 9º ano do Fundamental e já com o domínio do inglês, invista em ser trilingue, dedicando-se ao espanhol na escola dentro do mesmo formato que trabalhou com o inglês.”*

**Denise Araújo,**  
coordenadora do Inglês

## Timaço

Com formações diversas, experiência e paixão pelo que fazem, estes são os atletas, artistas, pesquisadores e especialistas que ensinam nossos alunos a ganhar e a saber perder

**A**taque, defesa e ginga; canto, dança e mergulho; garra, torcida e aplauso - tem um pouco de tudo no maravilhoso mundo esportivo e cultural do Sabin, que conta com este timaço na preparação e condução física - e muitas vezes emocional também - dos estudantes.



**PAULO ROGERIO**  
Coordenador de Esportes & Cultura e professor de vôleibol

Foi atleta de vôleibol e é especialista em Ed. Física Escolar. No Sabin há 28 anos, atuou como professor nas aulas de Ed. Física do Fundamental e do Médio e, atualmente, trabalha com as equipes de vôleibol do 6º ao 9º ano.



**MARCELO NUNES**  
Ed. Física e Iniciação Esportiva

Tem mais de 20 anos de experiência na Ed. Física Escolar. Professor no Sabin e na AB Sabin. É mestre, doutor e pós-doutor; membro do Lab de Comportamento Motor (LACOM) da Escola de Ed. Física e Esporte da USP; participa de estudos em Aprendizagem Motora.



**DANIELA NAKAYAMA**  
Ed. Física e Iniciação Esportiva

Pós-graduada em Ed. Física Escolar. Começou no Sabin como estagiária há 20 anos. Faixa preta no judô, conquistou vários títulos como atleta profissional.



**FERNANDO SILVA**  
Ed. Física e Nataçao

Graduado em Ed. Física e pós-graduado em Aprendizagem Motora, Treinamento Desportivo e Ed. Física Escolar. Conquistou muitos títulos como atleta e trabalha há 25 anos como professor na área aquática. Mais de uma vez, foi eleito o melhor técnico da Liga Escolar.



**BRUNA DE FEO**  
Nataçao e Iniciação Esportiva

Graduada em Ed. Física, com pós em Ed. Física Escolar. Foi atleta de nataçao na infância e na adolescência. Ex-aluna do Colégio, é professora no Sabin há 11 anos.



**ROSEANE SANTOS**  
Ginástica Artística

Graduada em Ed. Física, com especialização em Treinamento Desportivo. Foi árbitra nacional do esporte até 2024 e ministra cursos na área da ginástica. Dá aulas no Sabin desde 2008.



**FILIFE TERADA**  
Judô

Formado em Ed. Física e Nutrição. Faixa preta há mais de 20 anos, conquistou títulos nacionais e internacionais. Sempre conciliando a vida de atleta e a carreira acadêmica.



**TATIANA BAHOV**

Ginástica Rítmica

Foi ginasta dos oito anos de idade até o fim da adolescência e segue apaixonada pela modalidade. Conquistou diversos títulos com sua equipe. Formada em Ed. Física, é pesquisadora e professora. Está no Sabin há dez anos.



**FERNANDA MASSARICO**

Ed. Física e Balé

Aprendeu com grandes mestres da dança e especializou-se no Método Russo - Vaganova. É graduada em Ed. Física, com especialização em Aprendizagem Motora e Ed. Física Escolar. Membro do Conselho Internacional de Dança da UNESCO. Atuou em shows e musicais.



**ANTONIO de RESENDE**

Xadrez

É mestre internacional, treinador FIDE (Federação Internacional de Xadrez), tetracampeão brasileiro de clubes e campeão paulista. Está no Sabin desde a fundação da escola.



**PAULO NICOLINI**

Xadrez

É graduado em História e Filosofia; em seu mestrado, buscou as aproximações entre xadrez e educação pela perspectiva cultural e filosófica. Com vários títulos entre professores do estado de SP, ensina xadrez e forma professores há muitos anos. Está no Sabin desde 2013.



**PATRICK SATO**

Futsal

Formado em Ed. Física e pós-graduado em Aprendizagem e Treinamento em Futebol e Futsal, Ed. Física Escolar, Musculação - trabalho de força e potência, Treinamento Desportivo. Foi campeão da Liga Russa de Futsal, entre outros títulos conquistados.



**FLAVIA ROQUETTE**

Voleibol e Iniciação Esportiva

Estudou e se formou no Sabin, há 25 anos; trabalha no colégio há 2. É formada em Ed. Física e Pedagogia, e pós-graduada em Voleibol, Aprendizagem Motora, Ed. Física Escolar e Neurociência, Psicologia Positiva e Mindfulness.



**RICARDO SONZIN**

Teatro e Cultura

Licenciado em Psicologia, está no Sabin há 25 anos. Já dirigiu cerca de 120 peças e 21 musicais. Como assessor de Cultura, orienta atividades para a formação cultural, liderando equipes de Artes Visuais, Voluntariado e Corais. Participa também da organização de Olimpíadas Estudantis, Mostras Culturais e Festivais de Esportes.



**MIGUEL FABRÍCIO J. DA HORA**

Novas Tecnologias

Mestre em Design, Arte e Tecnologia, é educador, inovador social e criador de iniciativas para capacitação de jovens líderes. Desenvolveu metodologias que unem tecnologia e soft skills para ajudar estudantes a se prepararem para o futuro do trabalho.



**IGOR dos SANTOS**

Xadrez

Aprendeu a jogar no Sabin aos sete anos de idade e foi campeão brasileiro. Mestre em Engenharia e licenciado em Matemática, ensina xadrez para melhorar o desenvolvimento do pensamento lógico e das tomadas de decisões. Dá aulas no colégio desde 2024.



**ROSEANA ALBERTIN**

Ed. Física e "Atividade Física e Bem-Estar"

No Sabin desde a inauguração, contribuiu para a formação de muitas gerações. Entre várias funções, é responsável pelo Projeto Bicho-Preguiça e pela modalidade Atividade Física e Bem Estar, no EM, que desenvolvem a consciência corporal, a resiliência e o autocuidado.



**CAROLINA DIAS**

Ed. Física e Dança

Formada em Ed. Física, com especializações em Dança e Consciência Corporal, Psicomotricidade e Relações Interpessoais na Escola. Apaixonada pelo movimento desde criança, fez ginástica artística, ballet, jazz e dança contemporânea. Há 12 anos no Sabin.



**FERNANDA FERREIRA**

Ed. Física e Basquete

Formada em Ed. Física, com especialização em Psicologia Esportiva e Ed. Física Escolar. Foi técnica de basquete em diversos clubes e algumas faculdades. Campeã paulista, estadual, brasileira, e vice sul-americana. Atua no Sabin desde 2002.



**ELAINE GIACOMELLI**

Música e Coral

Formada em Música - atua como pianista, professora, regente e arranjadora, tanto no meio erudito quanto popular. Participou de vários espetáculos como pianista e diretora musical. Há 15 anos atua como professora de música e regente do coral Sabin.



**MARIANA MIERZWA VIEIRA CARVALHO**

Música e Coral

Há 21 anos no Sabin, é graduada em Música, com habilitação em canto, e pós-graduada em Musicoterapia. É professora e regente. Como musicista, participou de musicais e corais, e foi regente-voluntária de corais infanto-juvenis e adultos.



**ROBERTA MORETTI**

Arte - Assessora pedagógica

Professora no Sabin há 30 anos, é graduada em Ed. Artística, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e em Neurociência Aplicada à Educação.



**CRIS FERRAZ**

Arte e Programa Sabin + Esporte&Cultura

Professora no Sabin há 30 anos, é graduada em Ed. Artística e pós-graduada em Didática e Tendências Pedagógicas.



**FABIANNA MANFREDI**

Ed. Física, Basquete e Iniciação Esportiva

Jogou pela seleção brasileira de basquete por oito anos. Defendeu vários clubes. Entre muitos títulos, foi campeã paulista, brasileira e sul-americana. Participou de três mundiais. Formou-se em Gestão Esportiva com Pós em Ed. Física Escolar. Está no Sabin desde 2009.



**RUBENS AMARO**

Handebol

Jogou na seleção brasileira. Campeão paulista e brasileiro, e vice-campeão pan-americano. Competiu no mundial. Como treinador, foi vice-campeão paulista e atuou nas Olimpíadas Rio 2016. Forma novos talentos no Sabin há sete anos.



**EDUARDO FRANCO**

Ed. Física

Além de professor de Educação Física no Sabin, é técnico de voleibol no Colégio Santa Cruz e nos clubes Pinheiros, Banespa e Circulo Militar de São Paulo.



**ALINE IGLESIAS QUARTIM**

Teatro e Inglês

Bílingue, já deu aulas de inglês, é educadora teatral, atriz e diretora. Formou-se no Teatro Escola Macunaíma, passou por coletivos de teatro e, atualmente, atua na Cia do Ralo.



**DAVI ALEXANDER BORUSZEWSKI**

Projeto Voluntário

Cientista social, mestre em Psicologia Social e do Trabalho, com 20 anos de experiência em Educação e temas relacionados ao bem-estar psicológico dos estudantes.

# O sol vai explodir um dia, mas ainda demora!

Com bom humor e muito conhecimento, o astrônomo Luís Marino responde perguntas dos alunos do 5º ano D e brinca com curiosidades sobre a Terra, o Sol, a Lua e o Universo

A ciência mais antiga do mundo é uma fonte infinita de questionamentos. Investigando o surgimento do Universo, os corpos celestes, a formação e o ciclo da vida, as estrelas, os planetas e os fenômenos que acontecem no espaço, a **astronomia** desperta muitas dúvidas e curiosidades. O astrônomo Luís Marino, que coordena o Planetário de Tatuí, no interior de São Paulo, e é coautor do livro “Fundamentos de Astronomia”, usou sua vasta experiência para ensinar, exemplificar, divertir e instigar as crianças do 5º ano.



## Como surgiu o Universo?

A teoria mais aceita é a do Big Bang - também a minha favorita. O Universo tem, mais ou menos, 13,8 bilhões de anos.

## Pode existir um planeta melhor do que a Terra para habitarmos?

Possivelmente não, devido às condições para a manutenção da vida.

## É possível acabar completamente a vida na Terra por causa de um meteoro “solto”?

Depende do tamanho da pedra. A que nos atingiu há 60 milhões de anos, quando os dinossauros foram extintos, era razoavelmente grande, com cerca de 400 metros. A extinção dos dinossauros não foi a única; antes, muitas formas de vida já foram extintas. Hoje, talvez, nós tenhamos apenas 1% de todas as formas de vida que já habitaram a Terra. Os fósseis nos dão pistas do que existiu no passado. Pedra grande que cai do céu é capaz de extinguir muitas vidas, talvez até a

humana. Mas, se alguma forma microscópica, de insetos ou peixes, sobreviver, a vida na Terra continua.

## O que aconteceria se a Lua desaparecesse?

É uma situação impensável. Só se houvesse um choque de outro astro de grande porte. Mas, se a Lua saísse de sua órbita, causaria problemas sérios demais para o nosso planeta. A Lua é importante para a Terra, para os processos das marés, para o equilíbrio do planeta. Sem a Lua, o eixo da Terra mudaria completamente e coisas desastrosas aconteceriam.

## O que são aquelas manchas na Lua, que parecem um coelho?

Algumas regiões da Lua têm montanhas, cujos picos refletem a luz e ficam brilhantes. Outras regiões são planas, por isso vemos manchas escuras. Dá para ver nessas manchas, mais ou menos, a forma de um coelho. As pessoas mais antigas reconhecem também a cara da Wilma, do desenho *Os Flintstones*, com o sorrisinho, os olhinhos e o topete dela [risos].

## Existe vida na Lua?

### Como as pessoas respiram lá?

Não existe vida na Lua, exceto, talvez, por tardígrados, bichinhos microscópicos que podem ter chegado lá nas roupas dos astronautas. Os astronautas respiram na Lua com tubos de oxigênio, como fazem os mergulhadores no fundo do mar.

### Quantos eclipses solares já aconteceram?

No mínimo, nove bilhões de eclipses. No máximo, de 18 a 22 bilhões.

### E se uma estrela importante explodir?

Se não for o Sol, não tem problema. Se for o Sol, aí acabou tudo, vai tudo para o espaço e nós vamos para o beleléu! Se qualquer outra estrela explodir - tornando-se uma supernova -, vamos ver um belo espetáculo luminoso, tão forte, que pode ser visto até durante o dia!

### Tem chance de o Sol explodir?

Sim, com certeza; esse é o fim de todas as estrelas. Como o Sol é uma estrela, quando ele chegar no fim da vida, ele vai explodir. Mas, não se preocupem, vai demorar bastante!

### Quantos graus faz no Sol?

Nas manchas solares, 3.000°C. Na superfície, 5.500°C. No interior, uns 20 milhões de graus!

### Quanto tempo demora para a luz do Sol chegar na Terra?

Cerca de oito minutos. Quando você vê o Sol nascer ou se

esconder no horizonte, ele já nasceu e ele já foi embora. Tudo que você vê o Sol fazer é passado.

### Como os seres humanos descobriram os outros planetas?

Planeta é uma palavra grega que significa “astro caminhante”. A gente não consegue ver as estrelas caminhando no céu porque elas estão muito distantes. Já os planetas, estão mais próximos. Então, os homens antigos olhavam para o céu e viam o Sol “caminhar” de leste para oeste, viam a Lua mudar de fase, e viam alguns outros pontinhos que se moviam; resolveram chamar esses “astros caminhantes” de planetas.

### Existe outro Universo além do nosso?

Existem teorias que apresentam essa possibilidade, mas parece muito improvável. Porque o nosso Universo é imensurável, é tudo que existe, com trilhões, quatrilhões, quintilhões de estrelas. Bilhões de galáxias. Então tudo já está no nosso Universo. Mas... Quem sabe! Nós não temos como avaliar essa hipótese.

### Como você se sente tendo a profissão mais legal do mundo?

Legal e importante! Através da astronomia, a gente já fez descobertas fantásticas! Por exemplo, o telefone celular é feito com tecnologia, e muitas tecnologias foram conseguidas através do estudo da astronomia. Há medicamentos que são desenvolvidos no espaço - é parte da astronáutica, mas tem que ter astronomia e física para poder chegar ao espaço. Enfim, é muito gratificante e empolgante ser astrônomo!

## Ser patriota nos dias de hoje

Anos Dourados, Anos de Chumbo, Anos Rebeldes, Diretas já, Caras-Pintadas, Passe Livre, Pra Frente Brasil, Salve a Seleção, Ele Sim, Ele Não... Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é?

### Um bem maior

O patriota pode ser definido, de forma simplória, como aquele que defende e valoriza os símbolos que representam e fazem parte da construção de uma nação, como o hino, a bandeira e as personalidades históricas. No Brasil, o sentimento patriótico é costumeiramente associado aos eventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, porque os indivíduos se unem para torcer pela sua pátria – o esporte também é um símbolo. Entretanto, ser patriota significa mais do que apenas torcer pelas seleções brasileiras.

Os patriotas devem buscar o bem da nação e de todos que nela habitam: analisar criticamente os problemas nacionais e, a partir disso, reivindicar mudanças que beneficiarão a pátria e os compatriotas. Além disso, o patriotismo é importante para o desenvolvimento de um espírito de empatia e de coletividade que motiva os indivíduos a buscar bem-estar e direitos coletivos. Para exemplificar tal sentimento, pode-se apontar uma situação bastante comum: pais que afirmam desejar “um futuro melhor para os filhos”. Impulsionados pelo objetivo de tornar a realidade melhor para as próximas gerações, cidadãos passam a adotar comportamentos

sustentáveis, a atuar mais fortemente na política e a se envolver na luta pelos direitos fundamentais. Logo, unem-se forças de mudança que, inspiradas pela vontade de promover um local mais adequado para a vida dos jovens filhos da pátria, visam ao progresso da nação.

Portanto, o verdadeiro patriota é aquele que reconhece que seu país tem problemas - conduta interpretada pelos ufanistas como um ataque à pátria -, mas busca solucioná-los com vistas ao bem de seus compatriotas. O sentimento patriótico é responsável por conduzir, então, diversos movimentos de melhoria da nação, sendo bastante benéfico para o desenvolvimento político, econômico e social. Por isso, é de extrema importância que os brasileiros permaneçam nutrindo seu amor pela pátria, pois a identidade nacional, oriunda da coletiva valorização dos símbolos de sua história, cultura e território, une a população para lutar por um bem maior: o bem do Brasil e dos brasileiros.



Sofia Oliveira Santos Silva é aluna da 3ª série D do Ensino Médio

## Pátria amada, Brasil

Certa vez, escrevi para uma revista. Tinha 17 anos na época. E jovem que eu era, fiquei alegríssima quando soube que escreveria sobre patriotismo. Sabia tudo a respeito do tema. Pus-me a recordar poemas que minimamente discorriam sobre o Brasil e, inspirada, voltei-me ao papel. Passaram-se minutos, horas, e nada, meu lápis não se movia. Afinal, o que significava ser patriota? Era alguma religião ou culto popular? – Saudemos o Brasil, minha pátria amada! – pensei. Foi nesse instante que percebi sua essência. É o fanatismo. É o amor incondicional pelo seu país a despeito de suas amarguras e governos, falhos ou não. Reside na necessidade de transparecer o tal sentimento por meio simbólico, seja objetivo, como as bandeiras e os materiais, seja físico, como o grito. Todavia, não fiquei satisfeita. Tinha de haver algo maior do que apenas um cego apego a meras ilustrações. Não havia grandiosidade, era somente uma camuflagem para os empecilhos que, embora devam ser pensados e solucionados, não são minimizados, muitas vezes por descaso. Por isso, refleti, o patriotismo complementa harmonicamente o nacionalismo, que, por sua vez, coloca em segundo plano o amor pela terra, apesar de almejar o aprimoramento do país. Concluí que estava diante de uma virtude inestimável: a possibilidade de um Brasil melhor e orgulhoso de si, em função do casamento entre o emocional, o patriota, e o racional, o nacionalista.



Maria Luiza Toledo é aluna da 3ª série C do Ensino Médio

## Seu Armando ama o Brasil

Seu Armando é homem nordestino, No interior do Ceará nasceu. Cresceu, e morrerá em uns 20 anos por falta de acesso à saúde, dentre tantas outras faltas.

Seu Armando ama o Brasil, é patriota de coração. No Ceará, serviu o grande exército do país, o orgulho de toda a família! Mal sabem eles que o exército, Ah o exército... há tantos outros exércitos...

Seu Armando ama o Brasil. Com o nobre objetivo de proteger, entrou para a polícia militar, viu de camarote as manifestações em Fortaleza, janeiro de 25, contra a violência policial.

Seu Armando ama o Brasil, mesmo com sua educação limitada. Ele se lembra de aprender sobre a nossa grande Amazônia, o pulmão do mundo, que agora tem embolia grave, irreversível.

Seu Armando ama o Brasil. Ele conhece o SUS, do mundo o maior sistema público de saúde, cuja falta de unidades próximas já lhe custou dois irmãos e sua mãe, os três mortos por falta de leitos.

Seu Armando ama o Brasil, tem até uma bandeira do país na sacada pendurada. O verde das matas, agora alaranjadas, o azul dos oceanos, acinzentados, e o amarelo do ouro, que nunca verá.

Seu Armando ama o Brasil. Não por amor, mas por falta de opção. Ora! Fará o quê, o homem? Virar político e mudar o mundo? Pobre cidadão, mal sabe ele escrever. Sua ideia de país é tudo o que ele tem!



João Pedro Santos Macedo De Almeida é aluno da 3ª série B do Ensino Médio

# Agora temos um Fab Lab!

Isso significa que nosso espaço *maker* foi aceito para integrar a rede global de laboratórios que trocam conhecimentos sobre fabricação digital – e difunde essa cultura

O espaço *maker* do Sabin agora é um Fab Lab, um laboratório de fabricação, e faz parte da rede Fab Lab Brasil e global! - Com essa notícia, inauguramos esta nova editoria da Mais: Tecnologia & Inovação. Ter um Fab Lab é um salto dentro da jornada de inovação e tecnologia da escola, cujo objetivo principal é preparar os estudantes com as habilidades tecnológicas necessárias para aprender, empreender e transformar o mundo. “Os Fab Labs trazem a cultura de trabalhar em rede, com conhecimento aberto e troca, prototipação, fabricação digital - e com espaços para difundir essa cultura”, explica Graziella Matarazzo, coordenadora do Departamento de Inovação e Tecnologia do Sabin. “Essa Rede certifica laboratórios do mundo inteiro e, agora, fomos aprovados e fazemos parte desse mapa. Isso significa que temos todas as ferramentas exigidas - como impressora 3D e cortadora a laser - e que estamos em consonância com essa cultura de laboratório aberto à comunidade, que incentiva a distribuição de conhecimento e a experimentação.” O laboratório *maker* da escola, que

sempre foi muito movimentado com aulas e alunos criando e inovando, passa a buscar e oferecer oportunidades mais abrangentes. “Agora vamos trazer para dentro do nosso espaço outros públicos, as famílias, a comunidade; realizar eventos para pensar mais sobre temas importantes e urgentes, como segurança, descarte, uso de biomateriais; gerar reflexões que vêm dessa rede global”, comemora a coordenadora.

## Rede global, impacto real

Fazer parte da Rede Fab Lab de aprendizagem - nascida há quase 25 anos nos laboratórios do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), nos Estados Unidos - é entender que os projetos dos nossos alunos podem realmente ter impacto na comunidade, no país e no mundo. “Investir na cultura de Fab Lab na escola é empoderar nossos estudantes dessa linguagem, é prepará-los para frequentar também outros Fab Labs, onde possam criar, cada vez mais, soluções e protótipos para resolver problemas globais”, acredita Graziella.

*“Poder compartilhar referências com o time Tech do Sabin foi uma experiência muito especial! Ver esse makerpace agora fazendo parte da rede Fab Lab é um grande marco. A adesão a essa rede global proporciona um ecossistema de prototipagem seguro e inovador, essencial para o aprendizado prático. Os alunos terão a oportunidade de trabalhar suas próprias ideias em um ambiente que valoriza a experimentação e entende os erros como parte do processo de evolução. A integração com a rede Fab Lab permitirá que eles se conectem com outros espaços dentro da rede internacional, ampliando suas perspectivas e preparando-os para os desafios do futuro.”*

**Daniel Krás Borges da Silveira**, Gerente de Laboratório no Inesper e graduado no programa *Fab Academy* da *Fab Foundation*



## Como ser um Fab Lab?

Segundo a *redefablabbrasil.org*, um Fab Lab é “uma plataforma para aprender e inovar, um lugar para brincar, criar, aprender, orientar, inventar. E também uma plataforma técnica de prototipação para inovação e invenção que estimula empreendedores locais”. Para ser um Fab Lab, “é necessário conectar-se à comunidade global de aprendizes, educadores, tecnólogos, pesquisadores, *makers* e inovadores” - em mais de 30 países. Todos têm as mesmas ferramentas e os mesmos processos. A fabricação é de nível industrial, com programas e softwares *open source* escritos por pesquisadores do Centro para Bits e Átomos do MIT. Para ser certificado como Fab Lab, o espaço deve ter cortadora a *laser* que faz estruturas 2D e 3D, cortadora de vinil e um conjunto de componentes eletrônicos e ferramentas de programação de baixo custo para construção rápida e local de protótipos de circuitos. O conjunto de equipamentos está em constante evolução.

Originalmente desenhados para comunidades, os Fab Labs estão sendo adotados por escolas para projetos de educação baseados na metodologia STEAM: os estudantes aprendem projetando e criando objetos de seu próprio interesse. “Animados com a experiência de fazer alguma coisa eles mesmos, eles aprendem e ensinam uns aos outros, adquirindo conhecimento profundo sobre as máquinas, além das fronteiras entre o digital e o analógico.” O conhecimento e as boas práticas são disseminados globalmente, transformando os Fab Labs nos mais avançados espaços para pesquisa e desenvolvimento. Para abrir um Fab Lab é preciso ter muita força de vontade, espaço, máquinas e parceiros.



*“De olho no poder que um ambiente informal tem para reunir talentos, escolas e universidades começam a se inspirar na organização de empresas de tecnologia e nas maratonas de programação para transformar tradicionais bibliotecas e laboratórios em locais integrados, sem divisórias, feitos especialmente para projetar e criar. Conhecidos como makerspaces ou Fab Labs, quando seguem um padrão rígido para peças, máquinas e regras de uso, eles dão aos alunos a chance de aprender habilidades como programação, soldagem ou técnicas de esculpir madeira em uma mesma aula para avançar nos projetos.”*

**FONTE:** [porvir.org/especial/maonamassa](http://porvir.org/especial/maonamassa)

## CRITÉRIOS PARA DEFINIR UM FAB LAB

1. Democratizar o acesso às ferramentas
2. Apoiar e seguir a Carta Fab Lab: [fab.cba.mit.edu/about/charter/](http://fab.cba.mit.edu/about/charter/)
3. Compartilhar ferramentas e processos: Se eu fizer uma coisa no Sabin e enviar arquivos e documentação para qualquer outro Lab, ele deve ser capaz de reproduzir sem esforço.
4. Participar da rede de Fab Labs global: Você não pode se isolar. Todo o conceito Fab Lab é sobre ser parte de uma comunidade global de compartilhamento de conhecimento.



## Compartilhar e capacitar

O professor Luis Fernando – de Matemática, Tecnologia e Iniciação Científica – cria caminhos para que pessoas de baixa renda tenham acesso a equipamentos, conhecimento e trabalho

“A educação transforma e eu vou fazer o que puder para transformar as pessoas por meio da educação consciente e ética, e da capacitação para empreender”, afirma Luis Fernando Pacheco Pereira, professor no Ensino Médio do Sabin desde 2022, e criador - com a esposa, Eryka - de uma empresa que disponibiliza *share-hubs* em condomínios de baixa renda. *Share-hubs* são estantes automatizadas para aluguel acessível e autônomo de utensílios diversos - como caixa de ferramentas, furadeira, máquina de costura, aparelho para cortar cabelo, extratora para limpar sofás. A iniciativa é também sustentável, pois, ao compartilhar, ajuda a diminuir o descarte e a compra de produtos novos, economizando recursos ambientais que seriam usados na produção e na comercialização. Luis acredita, como define na missão da empresa, que o acesso a bens e serviços por compartilhamento pode transformar vidas e gerar impacto socioambiental. “Nosso propósito é criar soluções que democratizam o acesso a ferramentas e ao conhecimento, promovendo inclusão social e financeira.” Em 2024, criou com sua equipe no *benfeitoria.com* a campanha de financiamento coletivo “Mãos à obra: transformando vidas na periferia”, para levar a centros comunitários locação acessível de equipamentos e cursos de capacitação profissional. Em 2025, segue em busca de apoios para dar continuidade ao trabalho: “Estou conversando com pessoas, escolas, empresas e até prefeituras sobre a possibilidade de parceria. Ver resultados concretos nos motiva a seguir nesse caminho”. Um exemplo de sucesso é o caso de uma moça que, desempregada e morando “de favor” com a irmã, teve acesso a uma *share-hub* e passou a



alugar com frequência uma máquina de abrir e cortar massas: conseguiu produzir - a baixíssimo custo - pratos para vender, gerou renda, estabilizou as finanças e retomou sua vida e sua autonomia.

Formado em Engenharia Eletrônica, com pós em Marketing e Computação Aplicada à Educação, mestre e doutor em Educação Matemática pela *Universidad de Alicante*, na Espanha, e pai de Vinicius, 20, e Enzo, 17, Luis, aos 60 anos, sente-se realizado mas incansável na tarefa de ensinar e ajudar a melhorar o mundo fazendo o que sabe. “O legado que eu gostaria de deixar é o de ter participado, realmente, de mudanças de mentalidade: que as pessoas com quem tive contato sejam capazes de enxergar o quanto a gente precisa cuidar do mundo e como cada um pode e deve fazer sua parte. No social, trabalhar por uma sociedade mais justa, com menos desigualdade e melhor qualidade de vida para todos. No modelo econômico, lutar por mudanças na distribuição de riquezas, o que começa no acesso ao conhecimento. No âmbito ambiental, onde a transformação é urgente, levar a sério, aplicar no dia a dia e apoiar iniciativas sustentáveis.”

Animado em relação ao futuro, o professor Luis é um exemplo de olhar otimista sobre as novas tecnologias e a Inteligência Artificial. Com seus projetos, ele usa a tecnologia para gerar oportunidades de emprego, renda e aprendizado. “Meu trabalho como professor é trazer experiências, transmitir conhecimentos e dar exemplos positivos; e minha trajetória como empreendedor reforça isso, fornecendo produtos e serviços que podem, efetivamente, fazer a diferença na vida das pessoas.”





ESCOLA  
**ABSABIN**  
Um, dois, todos



cultura&informação  
**A REVISTA DO SABIN**

1º semestre de 2025 – ano 31 – nº 87

do nas nossas mãos seu tesouro! Então, o acolhimento é importantíssimo para todos e vai permear a confiança e a parceria durante toda a Educação Infantil. Nosso olhar é focado nas crianças e nas famílias”.

### Dia a dia: o tempo, a liberdade, a pedagogia

Com os pequeninos recebidos e acolhidos e as famílias tranquilas e confiantes, a AB investe em proporcionar a todos o melhor dia a dia durante as horas de vivência na escola. Para isso, segundo detalha a diretora, a abordagem pedagógica defende espaços livres de restrições e que instiguem a curiosidade, com estímulos à educação integral - corpo, mente, coração. Todas as atividades para a primeiríssima infância devem envolver o todo, respeitando a corporalidade da criança e suas expressões. “O ‘tempo de persistência’ nessa etapa da vida é reduzido, então buscamos experiências com margem para a contemplação e a investigação”, ensina Sílvia. “Se a criança está no balanço por um longo período, por exemplo, em paz e feliz, nós deixamos; é bom, é benéfico para essa idade em que o processo escolar é mais vagaroso, um tempo que não é o do adulto ou o do relógio, é o tempo da infância.” Os

elementos naturais são a principal ferramenta pedagógica e a base do currículo para os bem pequenos; materiais como água, terra, argila, folhas, galhos e pedrinhas estão sempre nas propostas de atividade. “Além disso, a escola permite - e deve permitir - que as crianças tragam de casa, se quiserem, chupeta, paninho, fraldinha, travessieirinho, cheirinho, a mamãe que vai dar de mamar. E elas também podem levar brinquedos para a casa e devolver no dia seguinte. Esse universo entre escola e família se mistura nessa fase, um lugar é extensão do outro e a criança precisa se sentir segura para transitar entre eles”, completa a diretora pedagógica. Para garantir o diálogo, fundamental, há vários canais de comunicação com as famílias e álbuns de fotos compartilhados para que as famílias acompanhem os trabalhos e as vivências.

### Rotinas seguras e vínculos

Entre as muitas atividades propostas diariamente, uma das mais queridas e completas é a musicalização. Tem música pela manhã, nas boas vindas durante o acolhimento diário; tem instrumentos musicais ao longo do dia - para trabalhar ação motora, movimento, coordenação, equilíbrio físico, ritmo, melodia, percepção auditiva; e tem cantoria

no encerramento e na despedida. “Eles se sentem muito seguros com as rotinas - de música, estações de brincadeira, contato com a natureza e, até, das trocas de fralda”, revela Stephanie Carrara Alberto, professora do Infantil 2. “O momento da troca é de bastante atenção e cuidado, sempre falamos o que estamos fazendo: agora vou tirar sua fraldinha, você fez xixi, fez cocô, precisa limpar. A questão do vínculo é extremamente importante nessa hora; os bebês e as crianças já identificam que a pessoa que está ali transmite segurança e respeito.” Para trabalhar com a primeira infância, é importante que a equipe tenha não só formação adequada, mas também identificação e muita vontade de estar com essa faixa etária! Porque - como enfatiza a diretora - a relação é de afeto, criação

de vínculos profundos, colo, olho no olho, de abaixa, levanta, abraça e cuida. “Não basta ser qualificada: para lidar com os bem pequenos, a equipe tem que ser apaixonada. E nós somos!”, garante Sílvia.



“A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.”

BNCC



## OS BEM PEQUENOS

Educação Infantil é o estágio de aprender a conviver, reunir-se com outras crianças e novos adultos, participar de diversos universos materiais e simbólicos, compartilhar experiências e ampliar seus conhecimentos por meio do contato com múltiplas linguagens.

- **INFANTIL 1:** um ano completo até março - É a primeira imersão das crianças no universo escolar, e nós trabalhamos para que seja uma experiência acolhedora e diversificada.

- **INFANTIL 2:** dois anos completos até março - Nesta etapa, é essencial propor situações e atividades vinculadas às perguntas, aos gestos, às experiências de vida de cada um.

- **INFANTIL 3:** três anos completos até março - Fundamental manter o foco nas necessidades das crianças e tecer relações entre os saberes e as culturas da vida e da escola.



## Escola para os bem pequenos

Concretizando um desejo antigo, a AB abriu turmas de Infantil I para receber as crianças a partir de um ano; uma equipe apaixonada acolhe os pequenos para brincar e se desenvolver

A AB Sabin ganhou mais alegria e mais brincadeira, com liberdade de movimentos e acolhimento total. Em 2024, a escola inaugurou o atendimento a turmas do Infantil 1 - crianças a partir de um ano de idade. Foi um ano emocionante de chegadas tímidas encantadas de amizade, pés felizes de lama e cor, mãos dadas de água, argila e autonomia, sorrisos pintados de curiosidade, olhares brilhantes de surpresa e aventura, abraços de descoberta, gratidão, segurança e vínculo. A escola para os bem pequenos cresceu! “Nós tínhamos o desejo de começar a atender essas crianças menores, inclusive porque as famílias nos procuravam e pediam. Então, depois de um período de preparação, concretizamos esse sonho”, conta a diretora pedagógica, Sílvia Adrião. Dando continuidade ao trabalho que já realizava a partir do Infantil 2, a AB criou uma série de estruturas para se adaptar a esse novo público, com os mesmos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

e fortemente inspirados pela “abordagem Pikler” como sustentador do projeto pedagógico. “Nossa escola é pautada no cuidado com afeto e na autonomia responsável das crianças”, reforça Sílvia. “Focamos no acolhimento e na organização de propostas e espaços para que elas investiguem livremente, explorem e se desenvolvam em ambientes seguros.”

### Pode confiar!

O momento da chegada dos pequenos é muito especial, delicado e específico para cada família - não somente no Infantil 1, onde todos estão no contato inicial com um lugar diferente e pessoas novas, mas também no 2, no 3, no 4 e no 5 para quem entra nessas turmas ou é mais sensível ao retorno escolar. O combinado é que o responsável que leva a criança para a escola fique lá com ela até que se sinta segura. Por isso, as semanas de acolhimento são extremamente importantes e a equipe trata o processo de adapta-

ção com tranquilidade e flexibilidade. “Normalmente é o primeiro momento da criança fora do âmbito familiar. Então, para que ela sinta confiança para vir com a gente, montamos cantinhos prazerosos de acolhimento: estações onde há um repertório de coisas para brincar à vontade, espaços atraentes dentro e fora da sala”, relata a professora Gesiane Bottene, do Infantil 2. Salas de referência que permitem mobilidade, com tudo ao alcance da criança, favorecendo a segurança e a autonomia; com colchões para sentar e descansar no momento em que quiserem; o bosque, o pátio, o parque, água, terra, plantas... São muitas as possibilidades que atraem os pequeninos. E as professoras observam, sem pressa, para entender cada perfil e acolher da forma mais assertiva. “Nós respeitamos a individualidade de cada um”, afirma Renata Franco da Rocha, professora do Infantil 1. Cada turma conta com uma professora, uma auxiliar de cuidados e uma estagiária. “Vamos nos relacionando, brincando e caminhando de acordo com as afinidades, que vão definindo o ‘adulto referência’ de cada criança”, acrescenta Renata. A coordenadora pedagógica, Suzy Março, lembra que a adaptação é também para as famílias: “Já há alguma confiança estabelecida quando a família faz a matrícula, claro, mas ela está entregan-

## PIKLER E SEU LEGADO

“Tentar ensinar a uma criança algo que ela pode aprender por si mesma não é apenas inútil, é também prejudicial!”

Emmi Pikler (1902-1984)

A pediatra Emmi Pikler - que concluiu seus estudos em Viena, na Áustria, nos anos 1920 - ficou conhecida por sua abordagem no cuidado de bebês e crianças pequenas - especificamente de até três anos. Seus princípios nasceram dos conhecimentos como médica, mas também da experiência como mãe e com o trabalho no Instituto Lóczy, que foi um berçário de acolhimento a crianças órfãs em Budapeste, na Hungria, fundado em 1946 e dirigido por Pikler durante mais de 30 anos - hoje Associação Pikler Lóczy. A “abordagem Pikler” tem como base o desenvolvimento neuropsicomotor, processo em que a criança adquire determinadas habilidades a partir de estímulos. Baseadas no cuidado e no vínculo afetivo, as práticas podem ser facilmente adotadas por cuidadores e pais. O legado da pediatra é uma maneira sensível de cuidar de crianças de forma coletiva.

### PRINCÍPIOS DA ABORDAGEM PIKLER

- Respeitar o tempo de cada criança
- Deixar que as crianças explorem livremente suas habilidades
- Proporcionar um ambiente seguro e livre de restrições
- Fomentar o movimento livre e autônomo
- Prezar pela autonomia das crianças
- Promover o vínculo afetivo entre a criança e o adulto



**BRUNO AMORIM DE  
ASSIS**

USP | UNESP  
RELAÇÕES PÚBLICAS  
ESPM  
PUBLICIDADE E PR



**CAMILA  
INÁCIO**

FAM  
MEDICINA  
USP  
ODONTOLÓGICA  
UDES

ENFERMAGEM  
EINSTEIN  
NUTRIÇÃO



**EDUARDO  
QUEIROZ**

UNIFESP

S

**87**

aprovados  
em  
universidades  
públicas

**43**

aprovados  
na USP

**VIVEMOS A ALEGRIA DE VER  
NOSSOS ALUNOS TRANSFORMAREM  
SEUS SONHOS EM CONQUISTAS!**



**GUSTAVO  
MUNCHEN TRAVAIN**

MACKENZIE | UNIFESP  
ADMINISTRAÇÃO

CIL

# Com orgulho, parabenizamos a turma de 2024 pela etapa superada e a vaga conquistada!

43

APROVADOS NA USP

30

APROVADOS NA UNICAMP

36

APROVADOS NA UNESP

66

APROVADOS EM UNIVERSIDADES  
PÚBLICAS PELO SISU

87

ALUNOS APROVADOS EM  
PÚBLICAS EM 2025 (52,1%)

"Fiz parte da comunidade Sabin por mais de dez anos; comecei na AB em 2012. Construí vínculos que levarei para o resto da vida. Aproveitei a escola ao máximo. Na trajetória do Ensino Médio, o vestibular permeia todas as conversas. O nervosismo que toma conta da gente é normal, mas é importante saber controlá-lo para não enlouquecer na hora das provas. Como fiz isso? Fiquei próximo dos amigos e me mantive praticando handebol. Quando se aproximou o final do ciclo, senti uma mistura de sentimentos. Mas, mesmo em meio a tantas transformações, tudo e todos que aprendi a amar no Sabin permanecem!"

**CARLOS EDUARDO A. JUNQUEIRA**

Aprovado em História na USP, na UNICAMP e na UNIFESP (1º lugar), e Ciências Sociais na USP - ENEM.

"Durante o Ensino Médio, fiquei no Sabin quase todos os dias desde a manhã até o fim da tarde. Eu estudava muito e o Colégio me forneceu diversas oportunidades para ajudar nos meus estudos. Mas, na minha opinião, ainda mais importantes do que os recursos acadêmicos, foram as pessoas com quem convivi diariamente, que tornaram o ambiente muito mais agradável. Fiz amigos incríveis, inclusive com inspetores e professores, e isso tornou meus dias mais leves e felizes."

**CAMILA GUTZ INGLEZ**

Aprovada em Medicina na FAMEMA, Odontologia na USP, Nutrição no Einstein, e Enfermagem na UDESC.



*“Ao longo do último ano, diversos desafios foram surgindo, como o medo e a insegurança em relação ao futuro e às provas. Nesses momentos de fragilidade, eu tinha pessoas para me ajudar com uma conversa ou com os estudos. Todo o processo foi de muita aprendizagem, acadêmica e pessoal. O amor, o carinho e o cuidado oferecidos por quem estava à minha volta foram essenciais para eu estar hoje cursando Farmácia na USP. Essa conquista não é só minha, mas de todos que me acompanharam e torceram pelo meu sonho.”*

## MELISSA FREITAS GOMES

*Aprovada em Farmácia na USP, na UFMG, no Mackenzie, na Santa Casa e na UNESP.*



*“Ter feito olimpíadas acadêmicas, principalmente de Física e Matemática, me ajudou muito no 3º ano! As olimpíadas me ensinaram a estudar e a aprender rapidamente vários assuntos complicados. O xadrez também me ajudou a aprender a estudar. O professor Resende falou uma frase que ilustra bem o que é o xadrez: “descansar levantando pedras”. Mas, provavelmente, a coisa mais importante que desenvolvi no pré-vestibular foi uma espécie de autoconhecimento. Aprendi a beleza de ser um eterno aprendiz.”*

## FELIPE KARCZEWSKI KOMATU

*Aprovado em Engenharia Aeronáutica na USP e na UNESP, Física na USP - ENEM, Engenharia Mecânica na UNICAMP e Ciência e Tecnologia na UFABC.*



*“Nos dias das provas, entrei confiante. O que mais me ajudou foram as atividades complementares de produção de texto, pois redação sempre foi meu ponto fraco. Com as reuniões individuais, redações semanais, aulas aos sábados e os simulados, melhorei meus textos. O inglês me ajudou nos vestibulares e na aplicação para universidades dos EUA. As olimpíadas me acostumaram às longas provas e me ensinaram a organizar melhor meu tempo e meus estudos. Além disso, usei minhas medalhas para conseguir vagas olímpicas na USP, na UNESP e na UNICAMP. Quando vi meu nome nas listas de aprovados, senti que todo o esforço tinha valido a pena!”*

## VICTOR DE ASSUMPTÃO FONTES BARBOSA

*Aprovado em Engenharia Mecatrônica e Física na USP, Engenharia Mecânica na USP - ENEM, Medicina na UFBA, Engenharia de Computação e Engenharia Física na UNICAMP, Engenharia De Materiais na UNESP, e Física na University of Florida.*



*“Devo 100% da minha aprovação ao que vivi no teatro do Sabin. A reta final foi muito difícil, e fiquei muito ansioso, porque precisei conciliar simulados e exames com meus estudos para o vestibular de Artes Cênicas, que é um pouco diferente: exigiu uma redação e um dia inteiro de provas práticas. Mas a emoção de ser aprovado é gigantesca! Passou na minha cabeça um filme com todas as peças e musicais que fiz no Colégio! Tudo graças ao professor Ricardo, que me ensinou a subir no palco e a amar o palco. Ele conduz o projeto do teatro - maravilhoso e transformador - para iluminar a vida de cada aluno que faz parte.”*

## GABRIEL DE JESUS GONÇALVES

*Aprovado em Artes Cênicas na Belas Artes e no Célia Helena.*

